

O Personagem Jesus Cristo: resenha crítica de MILES, Jack. Cristo: uma crise na vida de Deus. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.*

Por Waldo César**

O subtítulo do novo livro de Jack Miles: *Uma crise na vida de Deus*, revela de imediato a sua perspectiva sobre o Cristo que ele descreve num alentado volume, destaque nos balcões das livrarias - a cruz vazia de um preto carregado encimando uma capa de alvíssima brancura. No livro anterior, *Deus: uma biografia* (Prêmio Pulitzer 1996, já traduzido para 15 idiomas), tão polêmico quanto este, o subtítulo também expressa, ou quase, a substância da visão do autor.

Com base no *Tanach* (a Bíblia hebraica) e no Novo Testamento, insiste em que não pretendia fazer relatos históricos, mas apenas interpretação literária, como se contemplasse o grande vitral de uma igreja, para o qual se deve olhar como obra de arte e não através, "na tentativa de discernir os eventos históricos que estão por trás dele". Com essa analogia, justifica o seu olhar não através da Bíblia, mas para o texto sagrado, na busca do significado do relato segundo sua lógica interna.

O autor, nascido em Chicago, em 1942, tem títulos de sobra para obras de tal envergadura: ex-jesuíta, editor literário, doutor em Línguas do Oriente Médio pela Universidade de Harvard, presidente do Círculo Nacional de Críticos Literários.

O resultado dos dois livros, no entanto (difícil separar um do outro, e o próprio Miles faz constantes referências ao primeiro, sobre Deus), lado a lado à sua

* Originalmente publicado em *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 2002. Caderno *Idéias*, p. 6.

** Sociólogo, jornalista e romancista, autor de 'TENENTE PACÍFICO'.

riqueza documental e imaginativa, é freqüentemente ambíguo, por vezes contraditório e nem sempre original.

A dificuldade parece reconhecida quando, por exemplo, se refere ao gênero misto dos Evangelhos, cuja leitura meramente literária, diz ele, "significa defini-los como um gênero que combina história, ficção e conto de fadas", a história entendida como base para a ficção e o conto de fadas.

Neste sentido, convém lembrar que a Bíblia, como fonte literária, tem sido objeto de inúmeros outros trabalhos de natureza artística e ficcional, base para romances, filmes ou peças musicais, nos quais a força de sua natureza histórica torna-se um componente problemático, talvez inevitável. Creio que Robert Alter, em *The art of biblical narrative* (1981), aliás citado por Miles, nos oferece uma chave para a compreensão e uso estético e literário do texto sagrado. E o próprio autor afirma, curiosamente, que a decisão para escrever o Cristo muito deve a Bach e suas cantatas. Mesmo deixando de lado conceitos da Bíblia como livro revelado, sua narrativa, com muitos autores, distantes em séculos e diferentes contextos geográficos e culturais, se expressa como obra literária, na qual o conceito de divindade vai assumindo diferentes interpretações através dos discursos proféticos, não poucas vezes poéticos, mas sempre em contextos históricos definidos.

Embora Miles não desconheça tal expressão da linguagem bíblica, com freqüência cai na tentação de certo literalismo ao citar integralmente numerosos textos bíblicos e tirar deles conclusões conforme a letra, na busca de uma "lógica interna" que despreza o lado simbólico, a "reserva de sentido" da qual falam os hermeneutas, daquilo que ultrapassa o texto em si. Além de, por vezes, usar de ironia talvez fácil, como no primeiro capítulo ("O Messias, ironicamente"); ou de possível contradição, ao reconhecer, na referência à "assexualidade do Pai e a sexualidade do Filho", que as comparações bíblicas entre noiva e noivo, marido e esposa expressam "relacionamentos metafóricos".

Mas no final do mesmo capítulo, Miles deixa de lado a alegoria, para perguntar (literalmente): "Que estranho casamento espera um noivo que é também um cordeiro?" Assim como levanta perguntas irrelevantes ao criticar a "extrema economia narrativa" do texto sagrado, justamente uma das notáveis características do estilo bíblico, quando descreve o encontro de Jesus com Nicodemos: Onde está Jesus hospedado quando Nicodemos vai vê-lo? Como se parece esse lugar? Conversam em pé ou sentados? Que roupa usam? Etc.

Estas e outras questões, válidas num contexto romanesco, permeiam vários trechos de *Cristo: uma crise na vida de Deus*. Que crise é essa? Diz Miles que o Deus encarnado "começou seu trabalho com um ato de arrependimento público", e tudo quanto se segue está sob o signo desse arrependimento.

Tese no mínimo polêmica: Especialista sugere que Deus teria tentado, com morte e ressurreição, absolver-se de derrota

Ao perguntar quem é Deus, ou qual o caráter do Deus do Antigo Testamento, Jack Miles afirma que não tendo Ele alcançado seus propósitos quanto às promessas para o povo escolhido, decide tornar-se judeu; e com sua própria morte e ressurreição não apenas tenta absolver-se de uma derrota histórica, como oferece a promessa de uma vitória cósmica ao comprometer-se a "enxugar cada lágrima" de toda a humanidade. Então, quando Cristo aceita ser batizado por João, é Deus quem se arrepende - termo, é bom lembrar, que faz parte da literatura bíblica, expressando a interpretação e a linguagem possíveis aos escritores de então. Porém, Miles vai além, dizendo que como ninguém pode matar Deus, a crucificação se torna um suicídio divino.

Aqui também, embora radicalizando a interpretação da "morte expiatória", o autor não escapa de uma perspectiva teológica e se aproxima dos teólogos que proclamam o aniquilamento do Deus cristão que se crucifica em relação ao mundo.

Dietrich Bonhoeffer, o teólogo luterano alemão enforcado por Hitler aos 39 anos de idade, escreveu: "Deus deixa-se desalojar do mundo e pregar numa cruz. Deus é impotente e fraco no mundo, e só assim nos ajuda e está conosco." Tentando basear-se apenas no Jesus histórico, Miles, até onde chega a sua imaginação, proclama um Cristo não como origem e fruto de um dogma religioso, mas simplesmente premissa de uma obra de arte - o Novo Testamento. Mas ao utilizar principalmente o nome Cristo, de certa forma reconhece a herança profética que permeia a vida de seu personagem - o *Xristos* do grego, ou seja, "o ungido", o que indica não um sobrenome, mas uma função especial, messiânica.

A tarefa é penosa, beira o paradoxo da relação entre tempo e eternidade, história e fé, não im porta se o tratamento é histórico, teológico ou literário. Difícil escapar das falácias humanas sobre o transcendente, do "*mysterium terrible et fascinans*" assinalado por Rudolph Otto. Ouso dizer que em matéria de ficção, prefiro *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago, ateu declarado, mas cuja qualidade literária e fértil imaginação nos apresentam um Jesus plenamente humano, porém onde o sobrenatural, com seus milagres, ocupa um espaço inevitável - e de beleza comovente.

De toda maneira, como obra extremamente bem documentada, excelente tradução, o novo livro de Jack Miles é de grande importância no conjunto atual de numerosas publicações do gênero - e desse espantoso renascimento universal da religiosidade. Mais uma oportuna provocação para teólogos e estudiosos das religiões e da espiritualidade. Para Deus, pouco importa. E isto já insinuava Otto Maria Carpeaux num brilhante ensaio sobre a teologia dialética de Karl Barth: "O que o mundo diz sobre, em favor de, ou contra Deus não tem importância alguma."